

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Unisinos - 2021/1

**A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
NUM CONTEXTO DE
PLURALIDADE CULTURAL**
Desafios e perspectivas

Carine Klein Führ



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CARINE KLEIN FÜHR

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NUM CONTEXTO DE PLURALIDADE CULTURAL:
Desafios e perspectivas

São Leopoldo

2021

CARINE KLEIN FÜHR

**A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NUM CONTEXTO DE PLURALIDADE CULTURAL:
Desafios e perspectivas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Seibert
Schneider

São Leopoldo

2021

Aos meus pais, Fabio e Alice, pelo incentivo e apoio.
Ao meu irmão, que sempre pude contar.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta pesquisa, quero prestar minha gratidão às pessoas que contribuíram para que este estudo fosse possível.

Inicialmente, à minha orientadora, Cristina Seibert Schneider, por me acompanhar ao longo deste trabalho, por sempre me incentivar e instigar a olhar o Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial sob novas perspectivas.

Aos meus professores da Graduação em Pedagogia, por oportunizarem momentos de aprendizagem que contribuíram para qualificar minha pesquisa.

Aos meus colegas de curso, pelas conversas e pelos momentos de convívio. Principalmente, neste momento de isolamento social, que mesmo distantes, contribuíram com diversas trocas de ideias.

À professora e aos alunos que participaram da pesquisa e do projeto, que, mesmo à distância, contribuíram e não mediram esforços em participar das atividades que foram propostas.

À minha família e aos amigos, que sempre me apoiaram e me incentivaram durante toda minha graduação. É muito bom poder contar com vocês e saber que compartilham comigo a alegria de concluir esta etapa.

“Democracia é pluralidade cultural,
polissemia interpretativa” (CANCLÍNI, 2015, p. 156).

RESUMO

O presente estudo aborda questões referente à Educação Patrimonial num contexto onde a cultura da imigração alemã está muito presente, todavia a sala de aula é composta pela pluralidade cultural. Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de apropriação da cultura da imigração alemã, num contexto de pluralidade cultural. Para isso, foi realizado um projeto de Educação Patrimonial numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental, no município de São José do Sul. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora titular da turma. Para tanto, o conceito de cultura vinculados a Educação Patrimonial são destacados aqui no estudo. Utilizam-se, como aporte, os trabalhos dos autores Hall (2005), Canclini (1994), Laraia (2004), Baumann (2012), Schneider (2013), Pollak (1989), Giddens e Sutton (2017), Silva (2019), Freire (1996), Schneider (2014), Horta (2006), Silva (2015; 2016; 2017; 2019), Rocha, Russi e Alvarez (2013). Como resultados, constatou-se que os alunos dos quais seus referenciais culturais não fazem parte da cultura da imigração alemã, passaram, inicialmente, por um processo de estranhamento cultural, momento em que apresentaram mais dificuldades com as atividades propostas. Observou-se que, com o desenvolvimento do projeto de Educação Patrimonial, estes alunos desenvolveram um processo de apropriação e valorização do bem cultural. Além disso, demonstraram o fortalecimento do respeito entre as diferentes formas de viver e estar no mundo.

Palavras-chave: Culturas. Educação Patrimonial. Pluralidade Cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplos de Patrimônio Cultural no Brasil.....	19
Figura 2 – Definição de patrimônio material e imaterial	20
Figura 3 – Casa da Família Gabardo	23
Figura 4 – Carta escrita por moradora no ano de 1947	24
Figura 5 – Exemplos de comidas típicas e encarte de divulgação da festa	25
Figura 6 – Etapas metodológicas da Educação Patrimonial.....	28
Figura 7 – Pesquisa realizada por aluno	39
Figura 8 – PrintScreen do vídeo da visita virtual ao Museu Santa Casa.....	40
Figura 9 – PrintScreen da página do Museu Virtual criado pela turma	42
Figura 10 – Recorte do final da redação produzida por aluno	43
Figura 11 – Printscreem do Museu Virtual com destaque à foto capturada pela aluna	47
Figura 12 – Recorte do texto produzido pela aluna	48

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Acesso principal de São José do Sul	21
Fotografia 2 – Residência da Família Brand, em São José do Sul	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo da proposta pedagógica a partir da metodologia de Educação Patrimonial de Horta	34
---	----

LISTA DE SIGLAS

UNISINOS	Universidade do Vale do Rio do Sinos
RS	Rio Grande do Sul
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CULTURA(S): REFLETINDO NOVAS PERPECTIVAS.....	15
2.1 Patrimônio Cultural: principais conceitos.....	17
2.2 São José do Sul: O contexto da pesquisa	20
3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	26
4 CAMINHO METODOLÓGICO	31
4.1 Histórias e memórias: Vamos preservar?	33
5 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NUM CONTEXTO PLURICULTURAL	38
5.1 Práticas pedagógicas e o processo de apropriação cultural.....	38
5.2 Práticas pedagógicas e as diferenças culturais	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	56
APENDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRAFICA DE PESSOA MENOR DE IDADE	58

1 INTRODUÇÃO

Vivemos num país pluricultural, repleto de diferentes formas de viver e modos de fazer. Fazemos parte de um país rico em diversidade cultural, que está ainda aprendendo a reconhecer que o brasileiro tem diferentes formas de se expressar, modos de viver, saberes e modos de fazer. Porém, muitas vezes, ao invés de conhecer as diferentes culturas, optamos por uma imagem estereotipada de que somos o país do futebol, do samba e da Amazônia.

Na maioria das vezes, esquecemos da nossa própria história e o quão é importante falarmos de cultura (s), pois, todas os grupos sociais têm grandes histórias e memórias, são elas que fazem parte do nosso processo de identificação. Destaco os referenciais culturais do município de São José do Sul, do qual faço parte e vivencio tradições, dialeto, costumes, comidas e vestimentas da cultura da imigração alemã. Sendo assim, acredito na importância de valorizar o nosso Patrimônio Cultural, pois ele traz “[...] todas as expressões de natureza cultural representativas de um povo e que carregam testemunho da sua história”. (SCHNEIDER, 2013, p. 13).

No início do curso de Pedagogia, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UINISINOS), participei da atividade acadêmica Linguagens Artístico-Culturais I, ministrada, em parceria, pelas professoras Laura Dalla Zen e Cristina Seibert Schneider. Inicialmente, deparei-me com uma discussão sobre o que é cultura. A partir de então, estas indagações me provocaram a reconsiderar questões cotidianas e alguns conceitos que, por mim, já haviam sido naturalizados. Tendo em vista que cultura não se restringe apenas à cultura ocidental, branca e católica, mas, na verdade, abrange várias outras peculiaridades presentes no nosso dia a dia. Além disso, em concordância com Grunberg (2007, p. 4), percebo a relevância de “reconhecer também que não existem culturas superiores a outras”.

Desde então, venho refletindo sobre estas questões, relacionando com o meu cotidiano e o meu fazer pedagógico. Estes apontamentos permeiam meu olhar sobre minha própria cidade. Observo as manifestações e expressões culturais presentes na cidade de São José do Sul. Elas reforçam minha identidade, meus traços, pois “A cultura é dinâmica, se transmite e se apreende, e é neste processo de socialização que aprendemos a formar parte do grupo do qual pertencemos, que vamos adquirindo a nossa identidade”. (SCHNEIDER, 2013, p. 13).

São José do Sul, localizado no Vale do Caí, um município com uma população estimada de 2.082 habitantes, segundo o censo de 2010, e teve sua emancipação no ano de 1996. Devido à colonização por alemães na região, percebemos a existência de traços marcantes no município, a forte cultura da imigração alemã. Em sua volta, há um grande número de construções que mantêm características voltada à cultura alemã. Além disto, outros costumes também vêm se sustentando como, por exemplo, o dialeto alemão, hunsrück, presente na região, as tradicionais festas de kerb, e o consumo e a produção do prato típico de cuca com linguiça.

Em vista disso, o papel do pedagogo em trabalhar estes conceitos com os alunos desde cedo é imprescindível, para que eles possam preservar seu patrimônio e perceber sua importância na história do município de São José do Sul, sendo eles da mesma origem desta cultura da imigração alemã ou não, pois a região do Vale do Caí foi colonizada por outras etnias, como italianos e portugueses. Com o passar dos anos, surgiram outros imigrantes, como haitianos e cubanos e que vieram em busca de uma vida melhor. Para tanto, temos uma importante ferramenta: a Educação Patrimonial, compreendendo-a como uma fonte de autoconhecimento, e de alfabetização cultural (Horta) de si e da sua cultura, constituindo sua identidade. É mais fácil uma ação de educação quando já existe um processo de identificação, quando as crianças ainda falam o dialeto e vivem cotidianamente em suas casas a cultura da imigração alemã. E quando em sala de aula temos culturas diferentes? Como se sentem? A partir deste contexto, tenho como questão de pesquisa o seguinte problema: Num contexto de pluralidade cultural, em uma sala de aula, quais as possibilidades e os desafios da Educação Patrimonial?

Desta forma, apresento o seguinte objetivo geral: analisar o processo de apropriação da cultura da imigração alemã, num contexto de pluralidade cultural. Como objetivos específicos: identificar práticas pedagógicas que contribuam para uma ampliação do repertório cultural das crianças, compreender como ocorrem os processos de identificação das crianças quando o Patrimônio Cultural abordado não faz parte de seus referenciais culturais.

Deste modo, o presente trabalho se estrutura por meio de cinco capítulos. Eles englobam conceitos mencionados até aqui e demais pontos importantes para esta pesquisa. A introdução, o primeiro deles, apresenta o tema do trabalho e os elementos importantes desta investigação. Em seguida, o segundo capítulo

apresenta as concepções sobre o conceito de cultura que se abordou ao longo dos anos. Articulo o conceito genérico de cultura com aspectos importantes sobre processos de identificação, memória e Patrimônio Cultural. Apresento, também, um pouco sobre o patrimônio de São José do Sul. Para escrever este capítulo, tenho como base os seguintes autores: Hall (2005), Canclini (1994), Laraia (2004), Baumann (2012), Schneider (2013), Pollak (1989), Giddens e Sutton (2017), Silva (2019)

Em seguida, pontos sobre Educação Patrimonial, currículo e planejamento, fundamentados perpassam pelo quarto capítulo. As discussões são apoiadas pelos seguintes autores: Freire (1996), Schneider (2014), Horta (2006), Silva (2015; 2016; 2017; 2019), Rocha, Russi e Alvarez (2013) Constituição Nacional Brasileira (1988) e Base Nacional Comum Curricular (2018), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

2 CULTURA(S): REFLETINDO NOVAS PERSPECTIVAS

Conceito de cultura, um termo constantemente presente em discussões, com inúmeras definições que foram constituídas em diferentes cenários. Existem diversas definições para a palavra cultura. Para melhor compreensão do significado de cultura, precisamos analisá-la numa perspectiva histórica. A cultura como um conceito hierárquico se moldou na França no século XVIII. Segundo Baumann (2012), através da cultura se distinguia qual o seu padrão de vida. Ou então com qual grupo social você condizia. Esta concepção perpassou a França durante o século XVIII. Ela os separava, designando os diferentes grupos sociais, de forma hierarquizada.

Entre as diferentes culturas, uma se sobressaía a outra. Definia-se o que era o “belo” e se considerava isto um privilégio da elite. A cultura, a partir desta perspectiva, classificava “[...] o gosto das elites, naturalmente relacionado à “alta cultura”, o gosto médio ou “filisteu”, típico da classe média, e o gosto “vulgar”, venerado pela classe baixa. Misturá-los era tão difícil quanto juntar fogo e água”. (BAUMANN, 2013, p. 10).

Neste mesmo período, durante o movimento Iluminista, surge outra concepção, ela entra em conflito com a concepção hierárquica. Segundo Dalla Zen, a concepção alemã passa a compreender cultura

[...] como um conjunto de características intelectuais, morais e artísticas que constituem o patrimônio de uma nação, ou seja, trata-se dos princípios fundadores de sua unidade, em que a cultura de um povo é o que o diferencia das demais nações. (DALLA ZEN, 2013, p. 14).

Ela apresenta uma ideia de cultura como construção, preservação e conservação da nação. Segundo este conceito, a cultura “entrou no vocabulário moderno como uma declaração de intenções, o nome de uma missão a ser empreendida. O conceito era em si um lema e um apelo à ação”. (BAUMANN, 2013, p. 13). Este conceito tinha uma perspectiva em cultivar e preservar a “cultura” construindo a identidade da nação. Além disso, nessa concepção, era usado a palavra Cultura, com letra maiúscula.

A partir de então, a definição de cultura foi obtendo uma maior proporção, constituindo um conceito polissêmico, associada a diferentes pontos de vistas. Para

cada ponto de vista, um significado diferente. Para Giddens e Sutton (2017), cultura refere-se a diferentes modos de vida, hábitos, regras, leis e crenças, que caracterizam certo grupo social e podem ser aprendidos. Ele se refere tanto a questões materiais, quanto imateriais. Considerando que nenhuma cultura pode ser melhor do que a outra, é possível valorizar e preservar mais do que uma cultura. Segundo Bauman (2012), esta concepção foi chamada de conceito genérico, o qual não existe sociedade sem cultura, ou cultura sem o alicerce de uma comunidade. Fischer (2003) trata este conceito como um conjunto complexo e diferenciado de significações que se remetem a vários setores da vida dos grupos sociais, que foram historicamente produzidas.

Laraia (2004) atende a estes traços como partes de uma herança cultural do grupo, considerando os diferentes modos de vida como diferentes culturas. Se pensamos numa perspectiva a qual nenhuma cultura é mais relevante que a outra, conseguimos compreender a importância de respeitá-la, no entanto, a diferença pode ocasionar uma sensação de estranheza. Afinal as heranças culturais estão impregnadas na nossa vida, inclusive nos motivos para os quais sorrimos. Num país pluricultural como o Brasil, existem diferentes modos de se viver, diferentes heranças culturais e diferentes visões sobre um modo de vida. E, quando elas se chocam, causam desconforto que podem causar conflitos, pois há homens que enxergam o mundo somente através de sua própria cultura. Isto, denomina-se etnocentrismo,

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista. (LARAIA, 2004, p. 38).

Diante disso, há uma grande preocupação, pois a reprodução desta dicotomia pode resultar em situação de xenofobia. São discriminações existentes por considerar seu próprio estilo de vida o único e o mais importante, ou seja, a dele é a forma “correta” de se viver, tornando-lhe o centro do mundo o qual pode provocar agressões verbais ou mesmo físicas para extinguir o que lhe causa um incômodo.

Além disto, cabe ressaltar que, para Laraia (2004), todos devem conhecer o mínimo da cultura local, para que possam interagir em sociedade. Laraia (2004) retoma que a força de produzir cultura pelo ser humano pode ser uma maneira de

nos diferenciar dos animas, mas lembra que ela é dinâmica, pois, conforme nossos contextos mudam, nós mudamos, para suprir nossas necessidades atuais.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA,2004, p. 56).

Diante destas perspectivas, compreendemos a importância de mencionar a palavra cultura (s), no plural, pois ela compactua com o conceito genérico, relevando a existência de mais de uma cultura presente no nosso cotidiano. Por sua vez, Canclini (2015, p. XIX) propõe o conceito de culturas híbridas e define hibridação como o conjunto de “processos socioculturais nos quais estruturas e práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Para ele, há a possibilidade de “misturar” as culturas. Há a alternativa de combinar as diferentes culturas sem que uma se sobressaia a outra, nem que uma reduza seus elementos característicos.

2.1 Patrimônio Cultural: principais conceitos

Estamos vivendo em constates transformações, mesmo que imperceptíveis. São alterações importantes geradas através do tempo e do espaço. Laraia (2004) afirma que qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Até mesmo, no próprio indivíduo que constituía uma identidade unificada e estável, segundo Hall (2006), está se fragmentando. Portanto, devemos ultrapassar o conceito de identidade como acabado, definido e encerrar uma perspectiva de um processo de transformação.

Os processos de identificação não se tratam apenas do “eu”, numa concepção individualista do sujeito, pois o sujeito interage com o mundo, relaciona-se com as outras pessoas. Esta interação interfere na constituição da identidade dos sujeitos, contudo com frequentes mudanças no mundo pós-moderno: “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 2006, p. 12).

Sendo assim, no ponto de vista de Hall (2006, p. 38), a identidade “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Além disso, a identidade é autoimagem que os sujeitos e os grupos criam para si e para os outros. Este processo está presente em situações cotidianas que geralmente passam despercebidas, como, por exemplo, a nossa língua. Usualmente, diríamos que nossa língua faz parte de uma forma de comunicação, porém, conforme Hall (2006, p. 40), “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”.

Entretanto, para criação desse sentimento de identidade dos indivíduos e dos grupos, há a contribuição da memória. Ela pode ser tanto coletiva, quanto individual. Segundo Pollak (1989), a memória tem uma função de salvaguardar e reforça sentimentos de pertencimento, contudo “Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente”. (POLLAK, 1989, p. 9). Visto que a memória é uma reconstrução do passado e pode favorecer a idealização de uma identidade, no que se refere a identidade nacional, os interesses podem estar atrelados a questões políticas.

Estas diferentes manifestações reforçam os modos de viver de cada grupo social e expressam o Patrimônio Cultural da localidade. Conforme Schneider (2013, p. 13), Patrimônio Cultural “São todas as expressões de natureza cultural representativas de um povo e que carregam testemunhos da sua história”. O Brasil, por exemplo, contém um extenso território e apresenta uma rica diversidade cultural. Fazemos parte de um país com diferentes povos e diferentes modos de viver e diferentes representatividades que constituem este Patrimônio Cultural. Ele está espalhado pelas mais diversas formas de expressão.

Figura 1 – Exemplos de Patrimônio Cultural no Brasil



Fonte: Capoeira (2020); Churrasco Gaúcho (2020); Ouro Preto (2020)

Uma vez que a memória tanto coletiva como individual contribui à preservação de seu patrimônio, precisamos levar em conta o esquecimento. Com a representação através das grandes referências memoriais, outras manifestações acabam esquecidas. Conforme Silva (2019, p. 257), “[...] é possível afirmarmos que a memória/história oficial não consegue homogeneizar as representações dos tempos vividos e as paisagens urbanas tornam-se lugares para múltiplos agenciamentos identitários”.

Desta forma, Schneider (2013) aponta que os meios de comunicação utilizam o termo patrimônio histórico apenas para mencionar os bens de relevância cultural. Além disso, é importante lembrar que patrimônio não se refere apenas a imóveis oficiais isolados. Estende-se, também, ao patrimônio com valor local e existem legislações e instrumentos para preservação destas referências culturais locais. A Constituição de 1988 reconhece a “existência de bens culturais de natureza material e imaterial e estabelece outras formas de preservação”. (SCHNEIDER, 2013, p. 16).

Figura 2 – Definição de patrimônio material e imaterial



Fonte: Elaborada pela autora, com base em (SCHNEIDER, 2013, p. 17)

A figura 3 conta com duas imagens. Uma delas representa um exemplo de patrimônio material, a Casa de Nona Neni, em Antônio Prado/ RS. Ela está inscrita no Livro Tombo Histórico e no Livro Tombo Arqueológico, paisagístico e etnográfico pelo IPHAN em 1990. Em 1985, também foi inscrita no Livro Tombo de Belas Artes. A segunda imagem representa um exemplo de patrimônio imaterial. Representa a fabricação artesanal de painéis de barro, fabricadas para o preparo da típica moqueca de capixaba. São produzidas pelas mãos de paneleira de Goiabeiras no bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, no Espírito Santo. São saberes que têm sido registrados como Patrimônio Imaterial no Livro dos Saberes em 2002.

2.2 São José do Sul: O contexto da pesquisa

Em São José do Sul, há a presença de diversas construções, saberes e fazeres que foram preservados. Elas trazem consigo memórias locais. A cidade se localiza a 55km de São Leopoldo. Sua população estimada, segundo o censo de 2010, é de 2.082 habitantes. É uma cidade pequena, com a extensão de aproximadamente 59km², localizada no Vale do Caí.

Fotografia 1 – Acesso principal de São José do Sul



Fonte: Acervo pessoal

Segundo Bohn (2005), Dom Diogo, anteriormente denominado Arroio Claro das Pedras, representava a sede de São José do Sul. Nesta localidade, em 1864, estabeleceram-se as famílias de João Gauer, José Hammes e João Müller, vindos de Baumschneis (Picada Café), trazidos por sonhos de uma terra promissora. Naquele período, nomearam a localidade para “Gauereck”, Recanto dos Gauer. Grande parte das construções, dos saberes e fazeres, preservadas até hoje, são característicos da cultura da imigração alemã. Uma delas é representada pelas casas enxaimel, são construções em que as paredes são montadas através de hastes de madeiras que são encaixadas entre si. As paredes geralmente são preenchidas com barro, pedras ou tijolos. Em algumas há a presença de reboco.

Fotografia 2 – Residência da Família Brand, em São José do Sul



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Na cidade, há também a casa da Família Gabarddo, preservada desde 18 de janeiro de 1880. Primeiramente, construída como um salão de baile da cidade, após foi vendida e reformada pela família Gabarddo. Hoje, na parte inferior, no porão, guardam móveis e utensílios domésticos da época, além de registros e fotografias antigas. Esses são alguns exemplos de patrimônio material presentes em São José do Sul:

Figura 3 – Casa da Família Gabardo



Fonte: Elaborada pela autora

Além das características das construções enxaimel, as casas trazem outros elementos arquitetônicos visíveis, como detalhes nas portas e janelas. A cidade ainda mantém alguns patrimônios imateriais como o dialeto “hunsrück”, herança cultural dos imigrantes da língua alemã. Muitos moradores de São José do Sul se expressam através do dialeto alemão e, muitas vezes, é a única língua que eles dominam.

Figura 4 – Carta escrita por moradora no ano de 1947

Linha Dom Diogo, 3-5 1947.
 Geliebter Sohn Arlindo

Heute ergreife ich die Feder um
 deinen zwertem Brief zu beant-
 worten wo wir heute am 5 März
 mit großer freude gelesen. Du bist
 noch gesund. Bei uns sind die
 wehe Stugen. Panno sein sind
 schon weit und dem Vater sein
 sind auf besetzung. Wir hatten
 am Sonntag ein schönes Festessen
 wenn du zuhause gewesen da
 wäre es noch schön gewesen. Die
 Leute wo eingeladen waren alle da
 Vater, und Lehrer waren auch
 da Promilda war auch da. sie hat
 der Lori einen schönen steier gegeben
 mitags hat sie einmal gemeint
 mys der Arlindo heute so oft hier
 her denkens. Es ist nicht so sch-
 limm die zeit geht vorwärts dan ist

Fonte: Acervo Pessoal (2020)

A carta demonstra um pouco sobre o dialeto que se faz presente no cotidiano da maioria dos moradores de São José do Sul. Além disso, não poderia deixar de mencionar a presença dos bailes de Kerb, celebrados anualmente em homenagem ao padroeiro da cidade. A festa do Kerb caracteriza um momento solene de unidade

de festa e fé, após um ano de trabalho e, também, traços na culinária que fazem parte do patrimônio imaterial da cidade. Ainda é preparada a bebida “Spritz Bier”, produzida através do gengibre, limão e abacaxi, como também a cuca e linguixa que também fazem parte dessa tradição

Figura 5 – Exemplos de comidas típicas e encarte de divulgação da festa



Fonte: Elaborado pela autora

Atualmente, mesmo grande parte da população ser de descendência alemã, famílias de outras etnias se instalaram em São José do Sul. Vieram para a cidade em busca de empregos e melhores condições de vida ou até mesmo pelo incentivo do Programa Mais Médicos, carregam consigo fortes traços de seus países de origem. É notável as manifestações de outros saberes e fazeres na cidade. Algumas se destacam mais na culinária, na língua ou então no modo de viver.

Com a vinda destes novos imigrantes, cria-se um espaço que promove um diálogo entre as diferentes culturas. Esse processo ocorre pela transposição em que as culturas se entrecruzam, isto é, a inter-relação de conhecimentos, valores e saberes tradicionais (CANCLINI, 2015). Deste modo, os agentes sociais se restauram. Eles se apropriam da nova cultura e juntamente com aspectos importantes de sua cultura se recompõem. Eles recriam um novo modo de viver, através de suas intervenções.

3 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Partindo da concepção do conceito genérico de cultura, proposto por Baumann (2012), é possível traçar caminhos para pensar o Patrimônio Cultural no contexto da sala de aula? Para pensar esta questão, não é mais possível se referir a cultura (s) como algo que se unifique. Além disto, precisamos ter em vista outros aspectos importantes como memórias, tanto individuais e coletivas, processos de identificação e também o patrimônio, material e imaterial.

Portanto, precisamos pensar numa prática pedagógica para cidadania, que garanta o acesso aos conhecimentos históricos, mas também os problematize, com o intuito de formar cidadãos críticos, ativos e autônomos, capazes de compreender e atuar ativamente em seu entorno. Como destaca Freire:

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos, pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homes se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (1987, p. 78).

Deste modo, devemos refletir sobre as propostas pedagógicas, para levar em consideração o sujeito e todas as questões que levantadas até aqui. Como por exemplo, precisamos de um cuidado quanto ao que se assemelha à “prática bancária da educação”, como nomeou Freire (1987). Uma educação que “se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. (FREIRE, 1987, p. 57).

Entretanto, não é só em espaços escolares que devemos proporcionar processos formativos. O Art. 205, da Constituição Nacional Brasileira, destaca que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988). E a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9 394/96) acrescenta, no Art. 1º, que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996).

Horta (2006) contribui para o cenário escolar. No ano de 1999, é publicado o “Guia Básico da Educação Patrimonial”. O documento traz uma concepção de Educação Patrimonial, ela se refere à

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado do Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, et. al. 2006, p. 4).

Além disso, Horta (2006, p.4) menciona Educação Patrimonial como “[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

Este trabalho faz parte de um processo reflexivo do aluno, o qual ele reconhece sua identidade e sua cultura, contribuindo para que ele possa compreender seu espaço no mundo. Desta forma, Schneider (2013) aponta que a Educação Patrimonial consiste em ações educativas de investigações, apropriação e valorização do Patrimônio Cultural. Para isso, Horta (2006) afirma sobre a necessidade de um diálogo e interações entre as comunidades e agentes responsáveis pela preservação dos bens culturais.

Visando uma experiência rica e educativa, Horta (2006) propõe uma metodologia específica de Educação Patrimonial para ser aplicada em qualquer manifestação cultural. A metodologia é dividida em quatro etapas, conforme o quadro a seguir.

Figura 6 – Etapas metodológicas da Educação Patrimonial



Fonte: Elaborado pela autora, com base em (HORTA, 2006, p. 9)

Historicamente, segundo Silva (2016, p. 477), “[...] as políticas patrimoniais e de Educação Patrimonial estiveram assentadas em representações eurocêntricas de patrimônio e de memória”, a Educação Patrimonial foi homogeneizada. Vale ressaltar que no Brasil, as primeiras ações sobre Educação Patrimonial surgiram com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). E este órgão,

“[...] durante parte importante de sua trajetória, tombou só a cultura monumental, ocidental branca e católica. As outras culturas: populares, indígenas, afro-brasileiras quase não foram contempladas pelas políticas culturais, quando existiam”. (SCHNEIDER, 2013, p. 67).

Porém, com o passar dos anos, o conceito de patrimônio foi ampliado. Segundo o Art. 216 da Constituição Nacional (BRASIL, 1988),

constituem Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Sendo assim, o IPHAN, passou a abranger estas questões, juntamente com o patrimônio imaterial.

Com a expansão do significado da palavra patrimônio, surgiram outros projetos juntamente com a Educação Patrimonial. Estes projetos não abrangem somente uma cultura unificada. Nesse sentido, o “[...] respeito à diversidade cultural torna-se uma expressão-síntese de uma democratização cultural, consubstanciada pelo amadurecimento dos aspectos procedimentais da democracia” (SILVA, 2016, p. 478). Recentemente, a Educação Patrimonial recebe mudanças significativas, como, por exemplo, no que se refere ao Programa Mais Educação.

O Programa Mais Educação assume textualmente, enquanto diretriz político-cultural, uma perspectiva de respeito pedagógico à diversidade cultural. Nesse sentido, acompanha as discussões internacionais acerca do escopo de atuação da escola para comunidades educativas ou territórios educativos e visa a alcançar a cidade como espaço potencialmente pedagógico. (SILVA, 2016, p. 483).

Para Rocha, Russi e Alvarez (2013, p. 66):

O saber local não é algo que possa ser catalogado e preservado num sentido conservacionista ou salvacionista de práticas culturais, é um saber vivenciado e inserido no cotidiano de suas ações. O cuidado apenas com o conteúdo não instrui e nem convida à sua manutenção.

Nos sistemas de ensino públicos e privados de hoje, temos como documento orientador a Base Nacional Comum Curricular. Ela é de caráter normativo e define um conjunto de aprendizagens essenciais que o aluno deve desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Portanto, a expressão Patrimônio Cultural perpassa por várias etapas da BNCC, tanto nos campos de experiência da Educação Infantil, como nos componentes curriculares presentes no Ensino Fundamental, articulando as diversas áreas. A BNCC propõe que:

Para evitar uma visão homogênea, busca-se observar que, no interior de uma sociedade, há formas de registros variados, e que cada grupo produz suas memórias como elemento que impulsiona o estabelecimento de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um grupo social determinado. As memórias podem ser individuais ou coletivas e podem ter significações variadas, inserindo-se em uma lógica de produção de patrimônios (materiais ou imateriais) que dizem respeito a grupos ou povos específicos. (BRASIL, 2018, p. 404).

A partir desta perspectiva, reconhecemos a diversidade cultural do nosso contexto. Esta proposta nos permite relacionar a Educação Patrimonial de modo plural.

De certo modo, aponta para uma desnaturalização da ideia de patrimônio, já consagrada e constantemente associada a uma cultura de elite. Ao ampliar os sentidos de patrimônio, sugere que o estudante e o professor possam considerar sua comunidade, sua comunidade escolar, seu município, como elementos pertinentes para uma reflexão sobre suas identidades e para a construção da cidadania no cotidiano das instituições de ensino. (SILVA, 2015, p. 220)

Sendo assim, pensar Educação Patrimonial vai além de questões relativas à “conservação dos ditos patrimônios de uma determinada formação social, mas produz, reproduz e autorreproduz processos sociais e pedagógicos que formam a própria sociedade e, por esta, seus patrimônios” (SILVA, 2017, p. 29). Para Grohe (2020, p. 88):

A inserção da Educação Patrimonial como política para a escolarização amplia o conhecimento no contexto dos atores, concedendo às distintas culturas e à cidade lugar para as aprendizagens, assim como dá abertura para a problematização da existência dos patrimônios e, conseqüentemente, problematiza vivido.

Portanto, com a ampliação do conceito de patrimônio, conseqüentemente, há a ampliação do conceito de Educação Patrimonial, abrangendo as minorias étnicas. Deste modo, o patrimônio passa abranger não exclusivamente um bem, de origem branca, monumental e católico. Visa um conceito de cultura mais ampliado. Sendo assim, perante ao âmbito educacional, também demandamos de novas práticas. Diante dessas novas definições, múltiplas e plurais, o professor tem a necessidade de se reinventar. Sendo algo recente, o professor precisa de uma nova postura, e criar alternativas para alcançar os novos objetivos.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

O conhecimento se dá através da relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Ele pode ser apresentado em vários níveis, um deles o conhecimento popular (senso comum). “É o conhecimento do povo, que nasce da experiência do dia a dia”. (Rampazzo, 2013, p. 18). Além disso, Cotrim, aponta que o “[...] vasto conjunto de concepções geralmente aceitas como verdadeiras em determinado meio social recebe o nome de senso comum”. (Cotrim, 2002, p. 46).

Para a pesquisa, todavia, o senso comum não basta, pois, segundo Marconi e Lakatos (2002, p. 15), “A pesquisa, portanto é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Por conseguinte, apresenta um conhecimento, conforme Ruiz (1993), programado, metódico, rigoroso, crítico e objetivo. Ele alcança a informação “em suas causas, na sua constituição íntima, caracterizando-se, dessa forma, pela capacidade de analisar, de explicar, de desdobrar, de justificar, de induzir ou aplicar leis”. (RUIZ, 1993, p. 96).

A primeira fase da pesquisa, de acordo com Marconi e Lakatos (2002), é a definição do tema. “Tema é o assunto que se deseja estudar e pesquisar” (Marconi e Lakatos, 2002, p. 24). O tema desta pesquisa é Patrimônio Cultural. Ele foi impulsionado desde o meu ingresso no curso de Pedagogia, quando participei da acadêmica Linguagens Artístico-Culturais I, ao perceber que no município de São José do Sul (RS) também há Patrimônio Cultural, mesmo não tombado. Desde então, noto a importância de sua preservação, de manter vivas suas heranças. Conforme Schneider (2013, p. 20),

O Patrimônio Cultural estimula em crianças e adultos um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura em seus múltiplos aspectos, sentidos e significados.

A pesquisa parte de um problema que, para Marconi e Lakatos (2002, p. 26), “problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa de real importância, para a qual se deve encontrar uma solução”. Diante disso, trago como problemática da pesquisa a seguinte questão: Num contexto de pluralidade

cultural em uma sala de aula, quais as possibilidades e desafios da Educação Patrimonial?

Sendo assim, “Toda pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 24). Desta forma, objetivo geral desta pesquisa é: analisar o processo de apropriação da cultura da imigração alemã, num contexto de pluralidade cultural. Como objetivos específicos: identificar práticas pedagógicas que contribuam para uma ampliação do repertório cultural das crianças, compreender como ocorrem os processos de identificação das crianças quando o Patrimônio Cultural abordado não faz parte de seus referenciais culturais. De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p.24), “O objetivo torna explícito o problema, aumentando os conhecimentos sobre determinado assunto”.

Com isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica. Ela corresponde ao segundo e terceiro capítulos. De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p. 71):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Inicialmente, apresento as concepções sobre o conceito de cultura que se abordou ao longo dos anos. Articulo o conceito genérico de cultura com aspectos importantes sobre processos de identificação, memória e Patrimônio Cultural. Apresento, também, um pouco sobre o patrimônio de São José do Sul. Para escrever este capítulo, tenho como base os seguintes autores: Hall (2005), Canclini (1994), Laraia (2004), Baumann (2012), Schneider (2013), Pollak (1989), Giddens e Sutton (2017), Silva (2019). Em seguida, no terceiro capítulo, trago pontos sobre Educação Patrimonial, currículo e um breve histórico das políticas de salvaguarda dos bens culturais em âmbito nacional. As discussões são apoiadas pelos seguintes autores: Freire (1996), Schneider (2014), Horta (2006), Silva (2015; 2016; 2017; 2019), Rocha, Russi e Alvarez (2013) Constituição Nacional Brasileira (1988) e Base Nacional Comum Curricular (2018), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

4.1 Histórias e memórias: Vamos preservar?

Para alcançar os objetivos esperados, foi desenvolvido e aplicado um projeto de Educação Patrimonial, durante cinco dias. Inicialmente, o projeto foi pensado para ser aplicado presencialmente, no entanto, diante da realidade, foram necessárias algumas alterações.

No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS relatou uma pneumonia de causas desconhecidas. O surto se espalhou e, no dia 11 de março, foi declarada a disseminação da COVID-19 em todos os continentes, caracterizando-a como pandemia. Para contê-la, estados e municípios tiveram que tomar uma série de ações, editando decretos e outros instrumentos normativos, entre elas a suspensão das atividades escolares.

Com as escolas fechadas e havendo restrições de circulação, as escolas se mobilizaram e passaram a utilizar as redes sociais, mais especificamente o aplicativo Whatsapp, para dar continuidade ao ano letivo. No fim do ano de 2020, diante de uma diminuição de casos da COVID-19, alguns municípios retornaram as aulas presenciais flexibilizando alguns protocolos que estavam sendo seguidos.

Diante do aumento de casos, todavia, em fevereiro de 2021, no início do ano letivo, foram novamente suspensas as aulas presenciais. Dessa forma, para apropriar do cotidiano de uma escola de Ensino Fundamental e entender os conceitos pedagógicos que as envolvem, busquei outras alternativas de obter o conhecimento.

Foi realizado um projeto de ensino com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de ensino remoto. A turma é composta por 19 alunos, com aproximadamente 9 anos de idade. O nome do projeto é “Histórias e memórias: vamos preservar?” e teve embasamento das quatro etapas metodológicas, segundo Horta, Gunberg e Monteiro (2006).

Para realizar esse projeto com os educandos, enviei a autorização para que os responsáveis de cada aluno autorizassem os educandos a participarem do Projeto. Também, foi enviado um “Termo de Compromisso” para autorização de uso das fotografias dos alunos neste estudo. Nesta pesquisa, a identidade dos educandos foi preservada, utilizando-se na análise nomes fictícios. Além disso, todos os encontros pelo *Google Meet* foram gravados. Registrei no diário de campo, aspectos relevantes durante a execução do projeto, para uma posterior análise.

Nesta escola, para a realização das aulas, utilizava-se o aplicativo *WhatsApp* e, em alguns momentos o *Google Meet*. A professora também enviava atividades impressas semanalmente. A professora organizava os materiais impressos para cada aluno e na segunda-feira os alunos buscavam na escola e devolviam as atividades realizadas na semana anterior. Diante deste contexto, planejei e executei o seguinte projeto:

Quadro 1 - Resumo da proposta pedagógica a partir da metodologia de Educação Patrimonial de Horta

Etapas metodológicas	Recursos/atividades	Objetivos
Observação	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa sobre a história de São José do Sul. • Vídeochamada com a hora do conto “Livro Museu”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar registros sobre a história de São José do Sul. • Identificar nos registros elementos que fazem parte da história e do patrimônio de São José do Sul.
Exploração	<ul style="list-style-type: none"> • Visita Virtual Museu Santa Casa. • Visita Virtual Museu Gabarddo. • Responder às questões sobre as visitas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visitar os museus a fim de conhecer e reconhecer a importância deles.
Registro	<ul style="list-style-type: none"> • Texto sobre as memórias afetivas em São José do Sul. 	<ul style="list-style-type: none"> • Expressar sua história no município, valorizando a sua contribuição para a formação da cultura local.
Apropriação	<ul style="list-style-type: none"> • Criar o próprio Museu Virtual de São José do Sul. • Cada aluno pensa qual objeto ele escolhe para colocar no Museu e por que escolheu esse objeto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participar da criação do Museu e expressar através do objeto sua contribuição e formação da cultura local.

Fonte: Elaborado pela autora

PROJETO “Histórias e memórias: vamos preservar?”

Data de início: 12 de abril

1º DIA

- Busca em sites (da prefeitura, Google, Youtube, páginas do Facebook), livros, parentes, jornal, revistas... sobre São José do Sul, sobre a história de São

José do Sul. Escolha um item que você acredita que representa a história de São José do Sul. Pode ser uma fotografia, pode ser uma casa antiga, a culinária, um local.

- Os alunos registram os dados pesquisados para apresentar numa reunião do Meet. Para isso, ele deve criar folha (cartaz) que irá nortear a apresentação. Nela deve conter a ferramenta que ele utilizou para fazer a busca e os dados encontrados.

*Farei um vídeo explicando a atividade e dando alguns exemplos. Explicarei também como organizar a pesquisa no cartaz.

2º DIA – 13 de abril

- Hora do Conto “Livro Museu”.
- Vídeochamada com os alunos.

Perguntas durante a vídeo chamada

- Quais são os patrimônios de São José do Sul?
- Sabem me dizer um patrimônio material e um imaterial?
- Onde as histórias podem ser guardadas?
- Por que devem ser guardadas?
- E a história de São José do Sul, onde ela é guardada?
- Como podemos preservá-la?
- Vocês já foram a museus?
- O que viram?
- E aqui no nosso município?
- Já visitaram?
- Qual a importância dos museus?

3º DIA – 14 de abril

Farei um vídeo introdutório. Nele serão tratados assuntos como:

- “Você sabia que não é a primeira vez que passamos por uma pandemia?”
- “Você já ouviu falar sobre a Gripe Espanhola e a Peste Negra?”

Conto um pouco sobre os dois episódios. Durante o vídeo, questiono sobre as mudanças que aconteceram a partir desta pandemia de 1918 e como as pessoas lidaram com esta doença na época. Para finalizar convido os alunos para conhecer o Museu da Santa Casa através da visita virtual.

- Vídeo com as visitas virtuais, tanto no Museu da Santa Casa, como no Museu Gabarddo de São José do Sul.
- Responder às questões no caderno:

Perguntas

- 1) O que é patrimônio?
- 2) Por que devemos preservá-lo?
- 3) Qual a importância dos Museus?
- 4) Você já conhecia algum museu? Qual?
- 5) A partir dos vídeos, cite algo que lhe chamou atenção? Por quê?

4º DIA – 19 de abril

- Cada aluno registra, em forma de texto, a sua história em São José do Sul. No texto, o aluno relata um pouco de si. Após, fala de alguma memória afetiva na cidade, qual espaço ele gosta e por que, qual lembrança ele tem daquele local.

Para desenvolver a atividade...

Gravarei um vídeo explicando a atividade, falo para eles pensarem sobre sua história no município, pensar num local que lhe marcou. O local pode ser um espaço privado, como, por exemplo, a casa dos avós, sua casa, o local onde seus pais trabalham, ou até um espaço público como a escola, parques. Eles devem se atentar a alguns pontos:

- O texto deve ter um título
- No primeiro parágrafo, eles podem começar a contar um pouco de si, seu nome, a localidade onde moram, se sempre viveram aqui...

- No segundo e terceiro parágrafos, devem escrever qual o local que marcou a história deles em São José do Sul. Pode ser uma memória da casa dos avós deles, algo que faziam no local, pode ser o local de trabalho do pais, que eles vivenciaram uma situação importante, pode ser a escola, campo de futebol, etc. Darei vários exemplos, além disso, têm que dizer o por que escolheram o local.
- No último parágrafo, é um fechamento.

5º DIA – 20 de abril

- Cada aluno escolhe um objeto para colocar no museu da cidade, qual seria e por quê?
- Fotografe esse objeto e coloque no Paddlet
- No fim do dia, realizo uma vídeochamada para conversa sobre por que escolheram este objeto. E se eles acham que algum objeto presente no Paddlet não deveria fazer parte do Museu de São José do Sul? Por quê?

Para desenvolver a atividade...

Encaminho um áudio explicando para que eles pensem num objeto significativo. Um objeto que gostariam de ver no museu e por que ele deveria estar lá.

Durante a realização do projeto, utilizei algumas técnicas de pesquisa. Como o Diário de Campo, uma espécie de caderneta, onde registrei todos os fatos ocorridos. Observações, segundo Marconi e Lakatos (2002, p.88), “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”, mas rodas de conversas com os alunos pelo recurso Google Meet e entrevista semiestruturada com a professora da turma, conforme Apêndice C. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 92).

5 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NUM CONTEXTO PLURICULTURAL

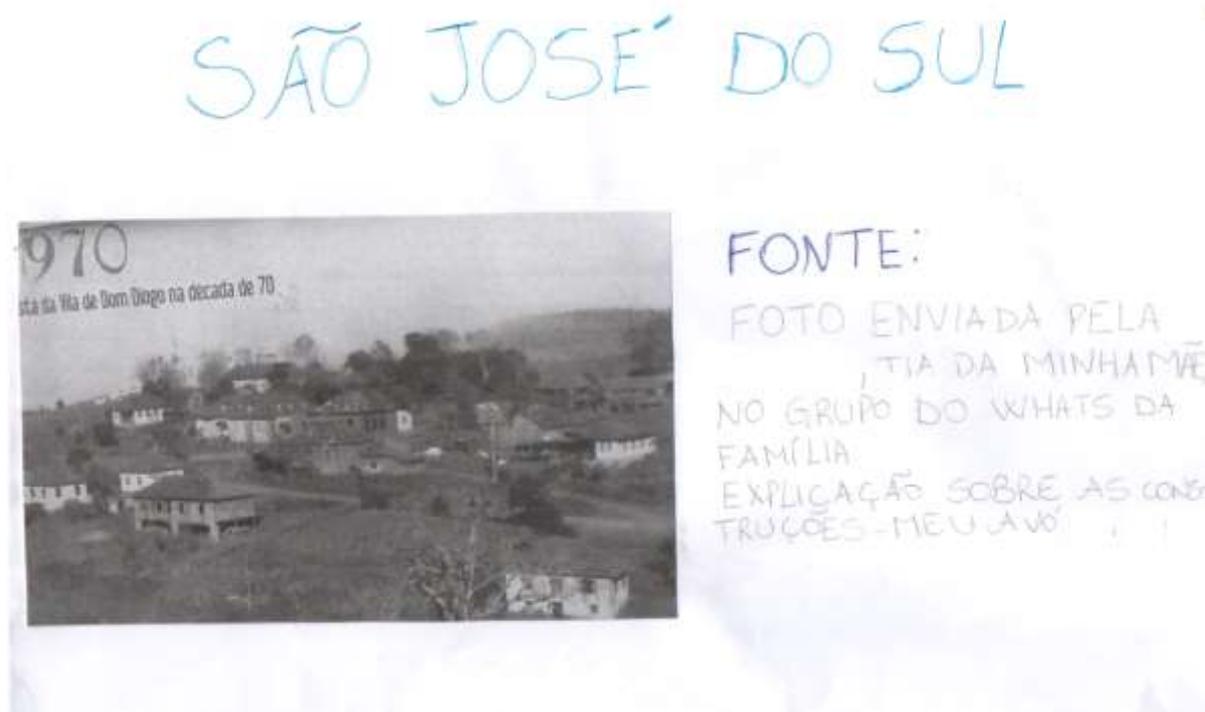
Este estudo tem como objetivo analisar o processo de identificação das crianças numa turma do Ensino Fundamental. Atentei-me aos alunos que estão presentes na turma, mas seus referenciais culturais não fazem parte do Patrimônio Cultural abordado. Portanto, utilizei de diferentes fontes de informações para coletar dados resultantes do projeto realizado com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental e também a entrevista com a professora titular da turma.

Do projeto, participaram os alunos da turma de 4º ano do Ensino Fundamental e a professora titular da turma. A maioria deles tem 9 anos de idade. A turma é composta por 19 alunos e a pesquisa foi realizada durante a pandemia, momento em que o projeto foi realizado de modo remoto. A fim de manter sigilo, a identidade das fontes de informação, os alunos são identificados por meio de nomes fictícios ao longo do trabalho. Destaca-se que os participantes e seus responsáveis responderam a um formulário online concordando com a participação no projeto conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Para o uso de imagens, também responderam a um formulário online conforme Autorização para uso e divulgação de imagem fotográfica de pessoa menor de idade (Apêndice B).

5.1 Práticas pedagógicas e o processo de apropriação cultural

Um das etapas das metodologias de Horta (2006) é a observação. A observação é uma etapa que “usamos exercícios de percepção sensorial (...) de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou o tema observado” (GRUNBERG, 2007, p. 60). Nesta primeira etapa, os alunos tiveram que buscar um pouco sobre a história de São José do Sul. Muitos dos alunos realizaram sua busca com seus familiares, sendo assim, na sua grande maioria, trouxeram fotografias de lugares importantes para sua família, para a história de seus familiares próximos, muitas vezes ligadas a seus ofícios. Dolores Hayden (1997 apud SCHNEIDER, 2017, p. 290) destaca a conexão entre os ambientes e a continuidade das tradições culturais, reforçando o sentimento de pertencimento. Para Hayden (1997), a ligação com o lugar é similar à ligação da criança com a figura paterna, o lugar estimula a lembrança das pessoas que viveram naquele espaço.

Figura 7 – Pesquisa realizada por aluno



Fonte: Acervo da autora

Dando continuidade, li para os alunos uma história que ressaltava a importância do museu e após realizei algumas perguntas para eles. Questionando-os sobre onde estão guardadas estas memórias que eles trouxeram para aula. Alguns logo fizeram referência ao Museu Gabarddo, museu presente no município.

Pesquisadora – O que tinha lá no Museu?

- Um monte de coisas velhas. (Ana, 9 anos).

Pesquisadora – Então se eu tiver qualquer objeto velho, posso colocá-lo no Museu?

- Não, tem que ser uma coisa que tenha uma história. (Júlia, 9 anos).

Primeiramente, alguns alunos afirmavam o museu como um lugar para guardar objetos antigos, porém, ao desenrolar da conversa, foram ressaltando indícios que mostravam importância dos museus. Segundo Knubel

O museu é o local perfeito para promover e incentivar a consciencialização para o património natural, cultural e artístico, através da investigação levada a cabo por museus e outros no estudo da cultura material e imaterial e

preservada pelo museu e pela oportunidade de educar os visitantes. (s/a, p. 130).

Portanto, preparei uma visita virtual através de vídeo ao Museu Santa Casa e ao Museu Gabarddo. Foi escolhido Museu Santa Casa pelo momento em que estamos vivendo, a pandemia e a circulação do Coronavírus. Ressaltando que não era a primeira vez que passamos por uma pandemia no mundo, mas que, em outros momentos, outras pessoas também enfrentaram uma pandemia. Isso faz parte de nossa história e alguns artefatos estão guardados para contar essa história.

Me chamou muita atenção o fato de não ser a primeira vez que passamos por uma pandemia. (Luana, 10 anos).

Sendo assim, a escolha foi muito importante, mesmo que “os vários museus preservam uma variedade extraordinária de património de vários tipos, por exemplo, refletindo fontes e valores nacionais ou internacionais (Knubel, s/a, p.130)”. Neste momento, o museu se mostrou mais próximo ao cotidiano dos alunos, pois trouxe artefatos que hoje estão muito presentes, como, por exemplo, o aplicador de vacina.

Os aparelhos de medicina, como a vacina são bem antigos e diferentes. (Lucas, 10 anos)

Figura 8 – PrintScreen do vídeo da visitação virtual ao Museu Santa Casa



Fonte: Acervo da autora

Ao finalizar o projeto com a criação do Museu Virtual, destaco a presença, daquilo que Horta chama de “patrimônio vivo”. Para ela, patrimônio vivo são os

[...] artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2006, p. 5).

Durante a vídeochamada, os alunos falaram sobre os objetos que escolheram. Todos contaram com detalhes suas escolhas e os motivos que levaram a escolher aquele objeto. Destaco, aqui, uma fala que retrata o patrimônio vivo.

Eu coloquei a prensa de banha, ganhamos dos meus avós que herdaram dos meus bisavós. A gente ainda usa. Ela é usada toda vez que a gente faz torresmo. (Geovana, 10 anos).

Nestes casos, percebe-se o entusiasmo, participação e interação das crianças com este processo de valorização do Patrimônio Cultural. De acordo com Schneider (2014, p. 20):

O Patrimônio Cultural estimula em crianças e adultos um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura em seus múltiplos aspectos, sentidos e significados.

Os alunos demonstraram encantamento com a produção final. Além de demonstrar um domínio sobre o assunto, estavam motivados, pois, durante a conversa, uma aluna não se sentiu satisfeita que a produção ficasse apenas a disposição deles, mas sim disponível para todos.

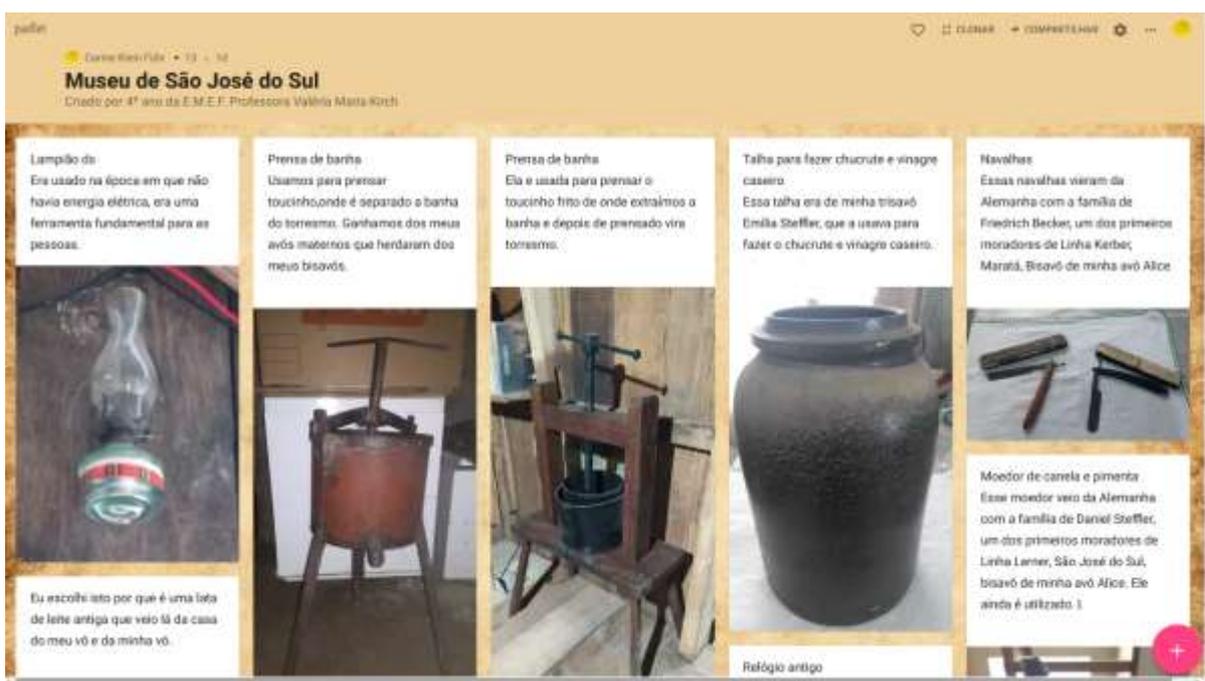
Profe! Eu acho que esse site precisava ser divulgado pra todo mundo. (Júlia, 9 anos).

De modo geral, os alunos gostaram muito da experiência de criar o Museu Virtual, pois compartilham com a turma objetos pessoais, importantes para sua família. Sentiram-se participantes deste processo. Neste caso, “a Educação Patrimonial é um instrumento de reencontro do indivíduo consigo mesmo, resgatando sua autoestima através da valorização e do reconhecimento da sua identidade e da sua cultura”. (Schneider, 2014, p. 20).

Além disso, a escola precisa de práticas que articulam com o cotidiano das crianças. Acredito que o entusiasmo parte desta conexão. A atividade não era isolada e o alunos não a fizeram pelo simples fato de concluir a atividade, mas ela fazia parte de um contexto e tinha uma relação com seu cotidiano. Tanto que sentiram a necessidade de compartilhar, não somente com a comunidade escolar, mas sim com o restante do mundo.

Além de dar continuidade ao assunto proposto nas aulas, foi pensado em articular o conhecimento científico com assuntos atuais que fazem parte do contexto dos alunos. Acredito que o aluno não abre sua “gavetinha de seu arquivo mental em seguida guarda os conhecimentos históricos; ao final da aula, fecha essa gavetinha e abre aquela referente à matéria a ser estudada na próxima aula”. (GALLO, 2009, p. 17). Pensando como no nosso dia a dia, os conhecimentos estão interligados no contexto escolar. O ensino também deve ser desta forma, articulando as diversas matérias e conhecimentos científicos. Desta forma, os alunos compreendem com mais facilidade.

Figura 9 – PrintScreen da página do Museu Virtual criado pela turma

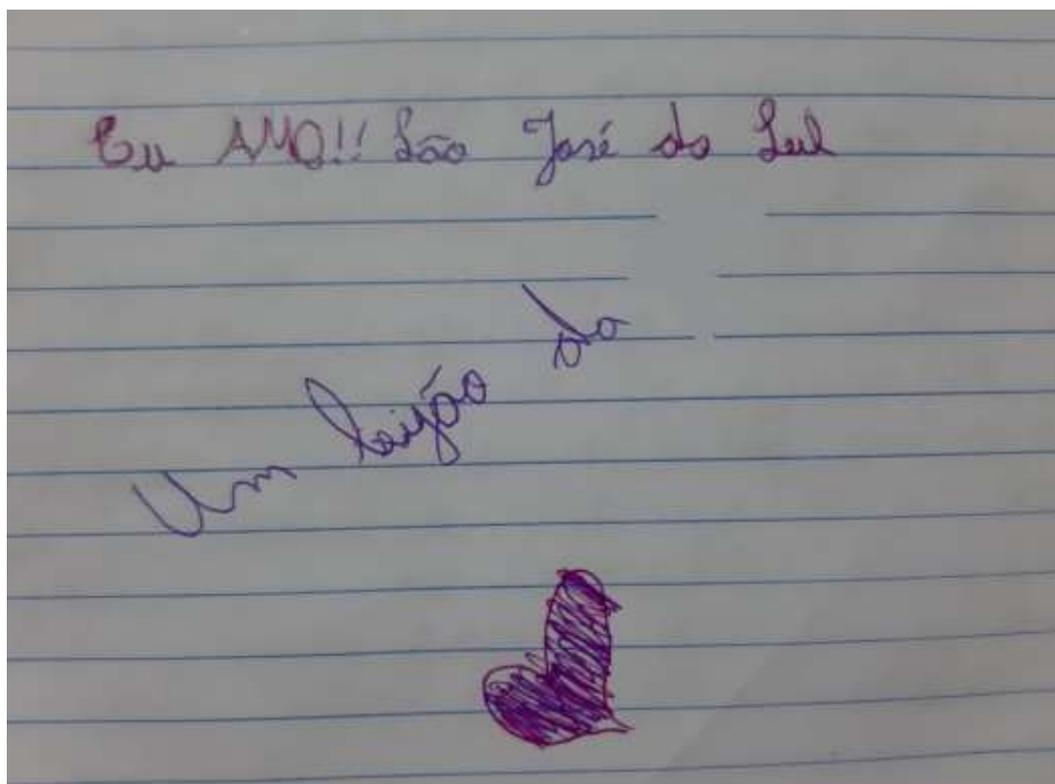


Fonte: Acervo da autora

Outro ponto em destaque é a afetividade. O quanto alguns alunos se relacionam com o espaço, criando vínculos afetivos. Ao solicitar a redação falando do lugar de São José do Sul que eles mais gostam, surgiram diversas frases com

“Eu amo São José do Sul”. Essas situações fazem parte do processo de apropriação, pois, como diz Grunberg, “Os resultados da aplicação desta metodologia desenvolvem atividades que levam os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância e valorização do nosso Patrimônio Cultural” (2007, p. 6).

Figura 10 – Recorte do final da redação produzida por aluno



Fonte: Acervo da autora

Devemos mencionar a importância de observar estes aspectos. São detalhes que mostram a experiência afetiva da criança com aquele lugar. De acordo com Silva (2017, p. 1049).

[...]a importância de observarmos a cidade como território de lugares de memórias e de afetividades. Mesmo diante de contradições, conflitualidades e múltiplas mediações, compreender as dinâmicas da Educação Patrimonial nas cidades de hoje exige-nos a compreendê-las como “experiência afetiva”, pois “estas condições historicamente têm definido a cidade como sede de processos e de relações sociais, políticas e culturais complexas”

Além dos lugares, os objetos também trazem essas memórias e afetividades. Durante um dos encontros, na conversa sobre a construção do Museu Virtual, uma

das alunas trouxe uma frase relatando o vínculo e as lembranças que os objetos trazem.

Dependendo dos objetos, pode fazer as pessoas chorarem, por causa das lembranças. (Geovana, 10 anos)

Além do mais, outro ponto em comum que se repercutiu pelos textos é a saudade de frequentar alguns lugares da cidade. Diante deste momento de isolamento social, diversos espaços foram proibidos de serem frequentados. Ao ler os textos, percebemos a potência de um lugar. Para Callai, “um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza” (2005, p. 234). Portanto, mesmo crianças, elas estabelecem relações com estes espaços, criando memórias sobre eles. A pandemia foi um choque para todos, inclusive para

Eu gosto de ir ao campo, pois que tem espaço para jogar bola e brincar com os amigos. Nos encontramos toda semana para conversar e brincar. Mas, com a pandemia, tivemos que parar de nos encontrar o que me faz sentir saudades, mas ao mesmo tempo me traz boas lembranças. Por isso, gosto muito de ir lá, (Antônio, 9 anos).

Eu espero que essa pandemia acabe logo para voltar tudo ao normal, (Luana, 10 anos).

elas que também foram afetadas emocionalmente.

Além do mais, noto a falta das aulas presenciais para as crianças e os professores. Mesmo que busque estratégias para alcançar todos os alunos, o acesso ainda não é para todos. Toda equipe escolar procura formas de reconectar laços que foram criados ao longo de toda a caminhada no Ensino Fundamental, buscando com que os alunos se sintam pertencentes àquele grupo. “Podemos afirmar, portanto, que a educação remota é um princípio importante para manter o vínculo” (ARRUDA, 2020, p. 266). Porém, ao decorrer do projeto, percebo que a falta deste contato, a devolutiva espontânea e simultânea traz uma maior clareza do processo de aprendizagem. A constante avaliação do professor no processo de aprendizagem é uma peça fundamental para a reconstrução de seu planejamento e

sem este contato diário, acaba prejudicando na reflexão de seu planejamento e na qualidade do ensino.

Durante a entrevista com a professora titular, ela menciona a importância de trabalhar o município. Ela aponta que é um tema relevante, pois trata de questões que estão diretamente ligadas aos alunos. Eles vivenciam o que vem sendo trabalhado na escola, e assim não ocorre uma fragmentação, mas sim uma aproximação da escola com o cotidiano do aluno. Callai aponta que:

Ter o município como lugar a ser estudado no início da educação básica pode ser a possibilidade de fazer com que a geografia não fragmente o mundo e a vida, mas que torne acessível aos alunos dessa idade o conhecimento da realidade que vivem, construindo os conceitos que podem ser o sustentáculo da geografia escolar. (CALLAI, 2013, p. 141)

Para a realização destas práticas pedagógicas, a professora salienta a importância das saídas de campo. Evidencia que utiliza desse recurso como uma ampliação dos conhecimentos da sala de aula, entende ainda de que busca olhar para além das fronteiras dos muros da escola, apresentando a realidade dos estudos a partir das vivências pelas cidades. Consideram estes momentos proveitosos e ricos de ensino e aprendizagem. Suas ideias em torno desse assunto vão de encontro com o que nos apresenta Callai (2005, p. 228):

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Sendo assim, mesmo em ensino remoto, e diante desses desafios, existem questões que podem ser reinventadas, como, por exemplo, as visitas virtuais e o Museu Virtual, que mesmo à distancia foram proveitosas e aproximaram os alunos a estas novas experiências.

5.2 Práticas pedagógicas e as diferenças culturais

Ao planejar as atividades para o projeto, tive acesso a informações sobre os alunos da turma. Diante destas informações, identifiquei os alunos que não possuíam os referenciais culturais que seriam abordados no projeto, uma vez que

eram o meu objeto de pesquisa. Os alunos eram descendentes de italianos, portugueses e afrodescendentes.

Durante a execução do projeto, percebi que alguns alunos tiveram muitas dificuldades quanto à realização das atividades. Entregavam as atividades fora do prazo combinado, interagiam pouco nas vídeochamadas, não realizavam as atividades escritas, não demonstravam todo aquele entusiasmo que mencionei no capítulo anterior. Ao ver esta relação, notei que justamente eram alunos que seus referenciais culturais não fazem parte do patrimônio abordado.

Diante desta situação, fiz uma vídeochamada para conversar com estes alunos. Na conversa, os alunos se demonstraram tímidos e falaram pouco. Ao conversar sobre o município e as atividades trabalhadas, muitos me respondiam que não sabiam fazer.

Profe! Eu não consegui fazer, porque eu não consegui achar um, (Jordana, 9 anos).

Neste momento em que estamos em casa, realizando atividades pelo auxílio do computador, em diversas situações toda a família participa das aulas. No momento em que estava conversando com os alunos, até os pais perto da vídeochamada, preocupados com a situação, tentaram ajudar e justificar a dificuldade em realizar a tarefa.

Ele não mora aqui há muito tempo, ele não conhece muito. (Pai de Fábio)

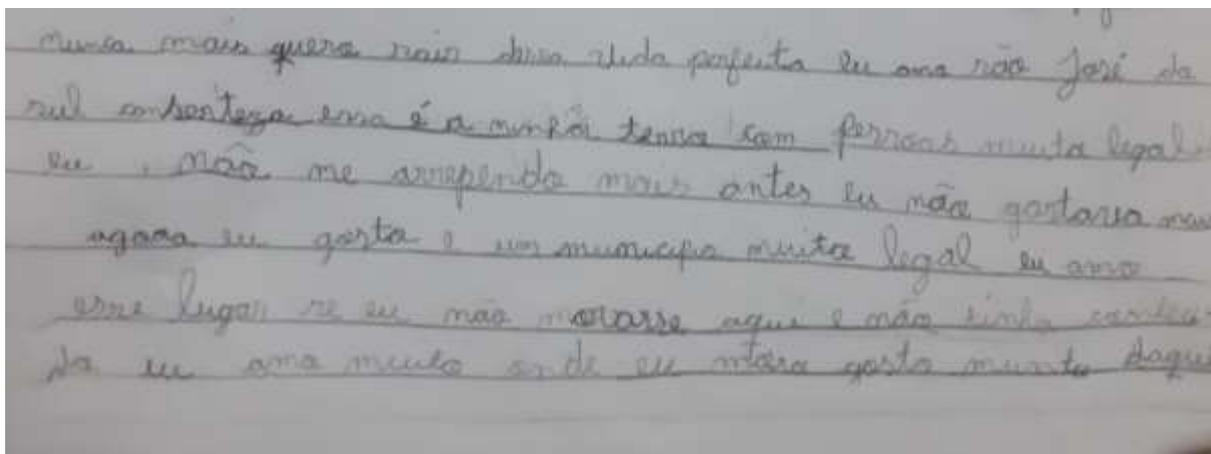
Acredito que a sensação de estranheza ¹ e também a dificuldade de se identificar com o que estávamos trabalhando provocou essa desmotivação. Além disso, o receio de não ser aceito ou não pertencer àquele grupo também contribuiu com esse relato. Laraia (2004, p. 39) aponta “O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade.”

Porém, ao longo do processo, começaram a aparecer “tentativas” de se aproximar com aquilo que estávamos trabalhando. Na criação do Museu Virtual, uma aluna incluiu uma foto de um relógio antigo que estava em sua casa. Ele pertencia ao seu bisavô que era de descendência alemã. A aluna mora com sua

¹ O estranhamento cultural acontece quando se rompe com os modelos tradicionais de organização social e negociação.

criando vínculos com o município. Além de tratar este espaço com respeito, como exemplo, trago parte do texto produzido por uma aluna.

Figura 12 – Recorte do texto produzido pela aluna



Fonte: Acervo da autora

Ela traz frases como “*eu amo São José do Sul com certeza essa é a minha terra*”, e, após, “*eu não me arrependo mais antes eu não gostaria, mas agora eu gosto*”. Nestas palavras, notamos a construção de um sentimento pelo lugar. O afeto pelo município vem se construindo juntamente com suas memórias.

Além do mais, destaco a importância do respeito do restante da turma quanto às diferentes culturas. No último encontro, trouxe duas imagens que não têm relação com a cultura da imigração alemã. Uma delas representava a produção de uvas e vinhos e a outra da Capoeira. Expliquei para eles sobre o que se tratavam as duas imagens e após perguntei se essas fotografias poderiam fazer parte do nosso museu. Uma parte de turma disse que sim e a outra disse que não.

- *Profe! Eu acho que sim, porque eles contam uma história, (Júlia, 9 anos)*

- *Não neste museu, mas em outros poderia, (Luana, 10 anos)*

Levaram à conclusão que as fotografias atualmente não representavam o nosso município. Seguimos conversando sobre a importância de respeitar as diferentes culturas presentes no nosso país. Além de respeitar a cultura de cada um, uma aluna comentou sobre a importância dos objetos para cada família.

Pra mim, os objetos que eu escolhi são os melhores. Ou pra Luana as coisas delas são as melhores. Por causa da nossa autoavaliação, mas não seria justo nomear o que é pior ou é melhor, (Júlia, 9 anos).

Acredito que ao mencionar a autoavaliação, a aluna se referia ao vínculo com o objeto. Neste momento, a aluna demonstra a compreensão que nenhuma cultura pode ser melhor do que a outra. Reforçando o respeito com os demais objetos e culturas presentes nesta sala de aula. Esta perspectiva ressalta o conceito genérico, definido por Baumann (2012), trabalhado nesta pesquisa, atentando que há diferentes culturas, porém nenhuma se sobressai a outra. Dito isso, identifica-se a presença de um contexto pluricultural e, além disso, a construção do respeito mútuo por ambos os lados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indagações e provocações a respeito das diferentes culturas me instigaram a olhar para meu próprio cotidiano, me estimularam a observar histórias e memórias presentes no município de São José do Sul. Articulando essas inquietações com o dia a dia escolar, fomentaram em novas questões a serem pensadas, discutidas e pesquisadas, dando origem à problemática desta pesquisa: Num contexto de pluralidade cultural em uma sala de aula, quais as possibilidades e desafios da Educação Patrimonial?

Conforme abordado neste trabalho, São José do Sul, localizado no Vale do Caí, no Rio Grande do Sul, foi colonizado por alemães e expressa traços marcantes da cultura da imigração alemã. A Educação Patrimonial vem a contribuir com a preservação do seu patrimônio e a percepção da sua importância na história de São José do Sul, porém, ao longo dos anos, São José do Sul vem crescendo e novas histórias construindo. Em vista deste crescimento, novos moradores de outras etnias estão surgindo.

Em busca de respostas para as inquietações, objetivos foram traçados e um projeto com os alunos do Ensino Fundamental foi executado. O projeto e as demais fontes da pesquisa possibilitaram concluir que alguns alunos envolvidos no projeto, a que seus referenciais culturais não fazem parte da cultura da imigração alemã, passaram inicialmente por um processo de estranhamento cultural, momento em que apresentaram mais dificuldades com as atividades propostas. Com o trabalho de Educação Patrimonial, seguindo as etapas metodológicas de Horta (2006), foi observado que estes alunos desenvolveram um processo de apropriação e valorização do bem cultural.

Mais especificamente, o projeto possibilitou aos alunos a perceber que São José do Sul carrega uma história e hoje eles fazem parte dela. Além disso, que cada um pode carregar consigo diferentes modos de viver e fazer e nós devemos respeitá-los.

Sendo assim, esse processo está em concordância com a BNCC, o qual um de seus objetivos é “Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade[...].” (BRASIL, 2018, p. 65).

Dentre as práticas propostas, os alunos expressaram suas memórias e vínculos com o município, reforçando a ideia de preservar suas heranças culturais. Na própria pesquisa sobre o município, buscaram informações próximas a sua realidade, trazendo peculiaridades de cada família.

Em grande parte, demonstraram motivação a realizar as atividades propostas. Além disso, manifestaram o interesse em divulgar o material produzido por eles. Isto demonstra o quanto estavam envolvidos com o trabalho e o quanto o processo de Educação Patrimonial contribui com a valorização do espaço.

Neste processo de Educação Patrimonial, nota-se a importância da visitação. Neste caso, mesmo sendo virtual, as visitas aos museus foram fundamentais. Ajudaram com a ampliação do repertório das crianças, como também foi peça fundamental para compreender a relevância da preservação do bem cultural.

A proximidade com o cotidiano despertou nas crianças um lado afetivo com o objeto a ser estudado. Ao longo do projeto, as crianças expressaram seu sentimento, através de frases, falas e imagens, demonstrando um grande vínculo com São José do Sul. Mesmo as crianças que não vivem a muito em São José do Sul, apresentaram suas memórias e relações que criaram no município. Expondo sua admiração e respeito a esta nova cultura.

Mesmo em torno de tantos aspectos positivos, não podemos deixar de mencionar as dificuldades apresentadas pelas crianças. O estranhamento cultural foi um ponto que contribuiu com a desmotivação de parte dos alunos. Não se identificar com o tema abordado gerou o sentimento medo e insegurança por parte dos alunos. Acredito que a insegurança e o medo por não ser aceito pelos demais colegas ao expor suas memórias permeavam nos alunos ao realizar as atividades. Estas situações gerou um desconforto e a negação ao realizar aquilo que lhe foi proposto.

Pelo projeto ter sido realizado em ensino remoto, a distância entre professor e alunos no momento da realização das atividades, trouxe novos desafios. Ela fez com que o professor tivesse que buscar outras formas de se relacionar com seus alunos e provocasse uma resposta quanto este estranhamento cultural. Sendo assim, a conversa individual com os alunos que não se identificavam com o patrimônio abordado contribuiu com que elas criassem uma confiança e conseguissem prosseguir com seu o trabalho.

Mas, mesmo diante das dificuldades, os alunos se conscientizaram sobre a valorização e preservação do bem cultural de São José do Sul. Além disso,

demonstraram o fortalecimento do respeito entre suas diferenças. Por fim, ressalto a relevância de trabalhar a Educação Patrimonial com as crianças, mais ainda, com um olhar ao contexto presente na sua sala de aula e em toda comunidade escolar, a fim de não discriminar nenhuma expressão cultural presente no município e sim realçar a pluralidade cultura presente no nosso país.

Existem diferentes formas de ser e estar no mundo. Para isto, há a necessidade de pensar sobre a educação que estamos proporcionando aos alunos. Precisamos criar espaços para repensar algumas concepções naturalizadas presentes nas crianças, a fim de valorizar suas amizades, culturas, a liberdade e igualdade de todos, formando uma sociedade que consiga compartilhar melhores experiências na vida coletiva, preservando uma vida mais feliz e promissora.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOHN, Frei Albano Roberto. **Dom Diogo, sempre**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. (Ensaio Latino-americanos, 1). Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa.

CAPOEIRA. *In*: GOOGLE IMAGENS. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=capoeira&client=firefox-b-d&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiGjJS6847sAhXvIbkGHYiuAOAQ_AUoAnoECCQQBA&biw=1366&bih=654#imgsrc=ycnHi-tKbZaJnM>. Acesso em: 29 de setembro de 2020

CHURRASCO gaúcho. *In*: GOOGLE IMAGENS. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=churrasco+gaucho&tbn=isch&ved=2ahUKEwj464Hh9I7sAhW_H7kGHXkSD2QQ2-cCegQIABAA&oq=churrasco+gaucho&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECAAQzIFCAAQsQMyAggAMgIIADICCAAyAggAMgIIADICCAAyAggAMgIIADoGCAAQBRAeUMUCWLA MYIUPaABwAHgAgAG2AogBhRCSAQyLTcuMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=3HFzX_iNFb-_5OUP-aS8oAY&bih=654&biw=1366&client=firefox-b-d#imgsrc=EQ6eSDHAXHp7_M. Acesso em: 29 de set. de 2020.

Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

_____. **Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DALLA ZEN, Laura H. Formação cultural de professores. *In*: DALLA ZEN, Laura H. (Org.). **Linguagens artístico-culturais I**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013. p. 09-14.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. SUTTON, Phillip. **Conceitos básicos de sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2017. p. 211-218.

GROHE, Sandra Lilian Silveira. Educação Patrimonial em Antônio Prado/RS: experiências educativas a partir da valorização de bens materiais e imateriais. *In.*: SILVA, Rodrigo Manoel Dias da (org.). **Educação patrimonial: experiências urbano-educativas na região de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Educs, 2020.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial**. Brasília, Distrito Federal: IPHAN, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HORTA, Maria de Lurdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Museu Imperial, 2006. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OURO preto. *In.*: GOOGLE IMAGENS. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=ouro+preto&tbm=isch&ved=2ahUKEwj63rKI9Y7sAhVIBlkGHbSHBAwQ2-cCegQIABAA&oq=ouro+preto&gs_lcp=CgNpbWcQAzIFCAAQsQMyAggAMgIIADICCAAyAggAMgIIADICCAA6BAgAEEM6BwgAELEDEEM6CAgAEL EDEIMBUMOyBljJzAZgm9EGaAFwAHgAgAGsBYgBgSOSAQkyLTQuMS4wLjWYAQCgAQGqAQtn3Mtd2l6LWltZ7ABAMABAQ&sclient=img&ei=LnJzX_qPOciI5OUPtl-SYA&bih=654&biw=1366&client=firefox-b-d#imgsrc=262-9heZq07YjM. Acesso em: 29 de set. de 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2013.

ROCHA, Gilmar; RUSSI, Adriana; ALVAREZ, Johny. Etnoeducação patrimonial - reflexões antropológicas em torno de uma experiência de formação de professores. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 24, n. 2, maio/agosto.2016. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000200005. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

SCHNEIDER, Cristina S. Patrimônio Cultural. In.: DALLA ZEN, Laura H. (org.). **Linguagens artístico-culturais I**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação Patrimonial e as Políticas de Escolarização no Brasil. **Educação e realidade**, Porto Alegre, vol. 41, n. 2, p. 467-489, abr./jun. 2016.

_____. Rodrigo Manoel Dias da. Narrativas identitárias e Educação Patrimonial no Brasil. **Teias**, v. 18, n. 48, p.17-36, 2017.

_____. Rodrigo Manoel Dias da. Educação Patrimonial e a dissolução das monoidentidades. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p. 207-224, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n56/0101-4358-er-56-00207.pdf>. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

_____. Rodrigo Manoel Dias da. Perspectivas atuais para a pesquisa em Educação Patrimonial. **Estud. Social**, Araraquara, v. 24, n. 46, p. 251-265 jan.-jun. 2019. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjmtob3o_tAhVLLLLkGHT6tCrIQFjAAegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.fclar.unesp.br%2Festudos%2Farticle%2Fdownload%2F11203%2F8393&usg=AOvVaw26LbmqNnEvHUEa80znBQIV. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

_____. Rodrigo Manoel Dias da. Memória social e individualização na trajetória de atores engajados em projetos de educação patrimonial. **Educ. Soc.** Campinas, v. 38, nº. 141, p.1035-1050, out.-dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v38n141/1678-4626-es-es0101-73302017174089.pdf>. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa sobre Educação Patrimonial.

Meu nome é Carine Klein Führ. Sou aluna do curso de Pedagogia da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso, a partir do tema patrimônio cultural. Para essa tarefa conto com o auxílio da minha orientadora Prof. Dr. Cristina Seibert Schneider.

O motivo que me leva estudar esse assunto é o fato de que o patrimônio cultural possibilita a aproximação com a história e a cultura. Além disso, o fascínio pelo passado e pela história sempre esteve presente em minha trajetória de vida, influenciando na escolha do tema de pesquisa. A educação patrimonial é uma das ferramentas para preservação dos patrimônios culturais, além dos tombamentos e registros. Ela é um processo educativo que visa o conhecimento e a valorização dos bens culturais. Ao longo do curso de Pedagogia, fui frequentemente provocada a pensar a educação. Dessa forma, a pesquisa une o meu encanto pela história e pelas culturas a essas provocações. As inquietações que me movem também estão relacionadas ao lugar em que vivo. Assim, o interesse da pesquisa volta-se a analisar o processo de apropriação da cultura da imigração alemã, num contexto de pluralidade cultural. Os procedimentos de coleta de dados serão: observação, rodas de conversas e entrevistas, que serão coletados durante a execução do projeto de ensino “Histórias e memórias: vamos preservar?” nos dias 12, 13, 14, 19 e 20 de abril, a partir da modalidade de ensino remoto. Dessa forma, serão necessárias fotografias e falas dos alunos, que serão gravadas de modo que as informações possam ser usadas para fins de estudo.

Os dados obtidos por meio de sua participação serão utilizados apenas para fins de investigação e sua identidade será preservada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Você poderá desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum. Além disso, a sua participação é voluntária, podendo recusar-se a participar. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada sob minha responsabilidade e outra será fornecida a você.

***Obrigatório**

Nome do Aluno *

Sua resposta

Nome do Responsável *

Sua resposta

CPF *

Sua resposta

RG *

Sua resposta

*

Declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de minha decisão se assim o desejar. Fui certificado(a) de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante Carine Klein Führ no telefone (51) 996624446 ou e-mail carinekleinfuhr@hotmail.com e a professora orientadora Cristina Seibert Schneider no telefone (51) 99682-2677 ou e-mail seiberts@unisin.br

Não declaro.

*

Concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Não concordo em participar desse estudo.

Enviar

APENDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRAFICA DE PESSOA MENOR DE IDADE

AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRAFICA DE PESSOA MENOR DE IDADE

*Obrigatório

Nome do Responsável *

Sua resposta

RG *

Sua resposta

CPF *

Sua resposta

Nome do Aluno *

Sua resposta

*

Autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a) Carine Klein Führ , do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, GRATUITAMENTE, a imagem fotográfica de meu(inha) filho para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NUM CONTEXTO DE PLURALIDADE CULTURAL:Desafios e perspectivas ". Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

Não Autorizo

Enviar

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____

Formação: _____

Tempo de atuação: _____

Fale um pouco sobre:

1. Sobre as formações pedagógicas voltadas à Educação Patrimonial que você já participou?
2. Sobre quais perspectivas você costuma priorizar quando trabalha questões voltadas à Educação Patrimonial?
3. Costuma visitar espaços não-escolares?
4. Existem projetos no município voltadas à Educação Patrimonial?
5. Quais as principais possibilidades e desafios encontrados ao trabalhar a Educação Patrimonial? Como você vê esta questão com os alunos que não se identificam com a cultura local?